

A geografia de Vera Lúcia Salazar Pessôa: da geografia agrária à metodologia da pesquisa¹

Vera Lúcia Salazar Pessôa's geography: from rural geography to research methodology

La geografía de Vera Lúcia Salazar Pessôa: de la geografía rural a la metodología de la investigación

Flamarion Dutra Alves – flamarion.dutra@unifal-mg.edu.br
Professor do PPGEU Universidade Federal de Alfenas e
PPGEOG Universidade Federal de São João del-Rei
Orcid : <https://orcid.org/0000-0003-0318-7301>

of the geographers who helped to build and consolidate Agrarian Geography in Brazil.

Resumo

A presente entrevista traz uma breve retrospectiva da trajetória acadêmica-científica da professora Vera Lúcia Salazar Pessôa, analisando suas contribuições no campo da Geografia Agrária e Metodologia da Pesquisa, sobretudo a Pesquisa Qualitativa. A entrevista traz as influências, temáticas e linhas de pensamento adotadas pela professora Vera, além de detalhar sua participação efetiva ao longo das vinte e três edições do Encontro Nacional de Geografia Agrária. Por fim, essa entrevista homenageia uma das geógrafas que ajudaram a construir e consolidar a Geografia Agrária no Brasil.

Palavras-chave: História da Geografia, Geografia Rural, Metodologia da Pesquisa, Geografia Brasileira.

Abstract

This interview brings a brief retrospective of the academic-scientific trajectory of Professor Vera Lúcia Salazar Pessôa, analyzing her contributions in the field of Agrarian Geography and Research Methodology, especially Qualitative Research. The interview brings the influences, themes and lines of thought adopted by Professor Vera, in addition to detailing her effective participation throughout the twenty-three editions of the National Meeting of Agrarian Geography. Finally, this interview honors one

Key words: History of Geography, Rural Geography, Research Methodology, Brazilian Geography.

Resumen

Esta entrevista trae una breve retrospectiva de la trayectoria académico-científica de la profesora Vera Lúcia Salazar Pessôa, analizando sus aportes en el campo de la Geografía Agraria y Metodología de la Investigación, especialmente la Investigación Cualitativa. La entrevista trae las influencias, temas y líneas de pensamiento adoptadas por la profesora Vera, además de detallar su participación efectiva a lo largo de las veintitrés ediciones del Encuentro Nacional de Geografía Agraria. Finalmente, esta entrevista honra a uno de los geógrafos que ayudaron a construir y consolidar la Geografía Agraria en Brasil.

Palabras clave: Historia de la Geografía, Geografía Rural, Metodología de la Investigación, Geografía Brasileña.

Recebido em: 02/09/2022

Aceito: 19/09/2022

Publicado: 03/10/2022

¹ A entrevista com a Professora Doutora Vera Lúcia Salazar Pessôa pode ser vista no Canal da AGB Alfenas no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=7y7ITiOwMhk>

Flamarion: *Gostaria de saber como começou seu interesse pela Geografia, como foi o início de sua trajetória acadêmica.*

Vera Salazar: Para falar sobre o interesse pela Geografia “voltarei no tempo”! Em dezembro de 1963, com 11 anos de idade, havia terminado o Curso Primário (correspondia às 4 primeiras séries. Atualmente, 2022, é o Ensino Fundamental do 2º ao 5º ano). Para ingressar no Curso Ginásial (5ª a 8ª séries/ atualmente Ensino Fundamental dos 6º /7º /8º /9º anos) era necessário fazer o Exame de Admissão, um processo seletivo exigido pelas escolas públicas. Fiz o exame no Colégio Estadual de Uberlândia, considerada a melhor escola pública (ainda existente). Conseguir uma vaga no referido Colégio era a maior conquista. Fui aprovada e em março de 1964 iniciava o Curso Ginásial. As disciplinas cursadas foram: Português, Francês, Matemática, Ciências, História do Brasil, Geografia Geral e Estudos Sociais. Naquele ano, já destaco as disciplinas Geografia Geral e História do Brasil, ministradas, respectivamente pelas professoras Maria Elisabeth Guimarães e Sônia Borges Vieira de Miranda. Sem desmerecer as demais, Geografia Geral e História do Brasil fizeram a diferença ao longo das 4 séries do Curso Ginásial. As aulas expositivas de ambas disciplinas “prendiam” a atenção de todos os alunos pela capacidade de exposição e didática que as referidas professoras tinham para explicar. Ao aguçar nossa “imaginação”, a professora de Geografia fazia-nos “viajar pelo Brasil e mundo, olhando os mapas no Atlas Geográfico Escolar (importante: ninguém poderia assistir as aulas sem ele), comprado nos postos do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e nos livros de Aroldo de Azevedo. Na disciplina de História, os escritos no “Quadro Negro” e o livro didático eram também os recursos usados para nos fazer “viajar” no tempo. As demais disciplinas citadas também foram importantes. Porém, os ensinamentos recebidos em Geografia e História foram marcantes.

Terminado o Curso Ginásial (1964/1965/1966/1967) (1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio conforme já explicado), as possibilidades eram: fazer o Curso Clássico (estudo de línguas), Curso Científico (estudo de disciplinas na área exatas e biomédicas) e Curso Normal (formação de professores). Considerando a especificidade do Curso Normal, minha escolha foi por esse curso (1968/1969/1970): ser professora. Mas, queria mais! Fazer uma Faculdade! Não

tínhamos ainda a Universidade Federal de Uberlândia. Apenas três faculdades: Economia, Direito e Ciências e Letras de Uberlândia (FAFIU com os cursos de Letras, Pedagogia, Ciências Biológicas e História, que, posteriormente, foram incorporadas quando ocorreu a federalização em 1978). Concluído o Curso Normal (dezembro de 1970), em janeiro de 1971 fui fazer a inscrição para o vestibular de História. Estava na secretaria da Faculdade quando a diretora, professora Ir. Ilar Garotti, amiga de minha família, me disse que o Curso de Geografia tinha acabado de ser autorizado pelo MEC para iniciar seu funcionamento. Gostei da notícia, pois a Geografia me chamava a atenção. Relembrei das “aulas viagens” pelo Atlas, pelo livro didático. Fiz minha inscrição! O vestibular foi realizado em janeiro de 1971! Fui aprovada! Março de 1971, em pleno período ditatorial, iniciava o Curso de Geografia Licenciatura Plena. Todo o curso foi centrado na Geografia Tradicional (Positivismo). Estudávamos nos livros: dos geógrafos franceses, em sua maioria, publicações do IBGE, livros de Aroldo de Azevedo dentre outros. Não discutíamos a situação pela qual o país passava. As disciplinas: Filosofia, Antropologia, Sociologia, Estudos de Problemas Brasileiros (EPB) não faziam nenhuma discussão. Os quatro anos de curso foram de muito entusiasmo pela Geografia que nos era passada. Fiz parte (e tenho muito orgulho) da primeira turma de Geografia da FAFIU (1971-1974). A turma ingressante foi de 50 alunos e formamos em 45 (5 colegas mudaram para outras cidades). De 1975 a 1978, continuando minha carreira docente, iniciada na escola pública (1971 a 1974: Ensino Primário), fui dar aulas no Ensino Ginásial (5^a a 8^a séries). A experiência em trabalhar na escola pública foi um divisor na minha formação. Tive a oportunidade de colocar em prática os ensinamentos adquiridos, sobretudo no que se refere à parte didática. Ao narrar esta trajetória, destaco o papel importante exercido pelo professor na formação do profissional.

Flamarion: *Como foi o início de sua trajetória acadêmica?*

Vera Salazar: Em 1976, recém graduada, recebi o convite da Diretora (Ir. Ilar Garotti) e Vice Diretora (Ir. Odelcia Leão Carneiro) da FAFIU para ministrar as disciplinas: Geografia Física (Climatologia) e Geografia Física II (Geomorfologia) para o Curso de Geografia. O professor responsável pelas referidas disciplinas havia passado no concurso para docentes do Curso de Geografia na Universidade Federal de Goiás (UFG). Aceitei o desafio e ocupei a vaga. Assim, passei a integrar

o quadro de professores do Curso. Meu contrato foi em 1º de junho de 1976. Nesse período começava o processo de federalização da Universidade Federal de Uberlândia. A capacitação dos docentes das faculdades isoladas já estava prevista. Em julho de 1976 um grupo de professores da FAFIU foi fazer Pós-Graduação Lato Sensu em diversas áreas na PUC/Minas (Belo Horizonte) no II Programa Regional de Especialização de Professores de Ensino Superior (PREPES). Fiz o curso na área de Geografia Humana (360 h/3 módulos: julho e dezembro/1976 e julho/1977) (II PREPES), junto com meus ex-colegas de curso, prof. Ireneu A. Siegler e prof^a. Maria Benedita Cavalini. Juntos, passávamos a compor o quadro de professores.

Um mundo novo se abria à minha frente. Um curso de excelência. A abordagem teórico -metodológica foi a “New Geography” (assim denominada) (A geografia neopositivista / Pragmática). Foi um “mergulhar” nas referências indicadas pelos professores para aprender e entender este “mundo teórico novo”. As disciplinas cursadas foram: Técnicas de Comunicação Científica/ Introdução à Pesquisa Geográfica/Princípios e Teorias da Geografia/Cartografia/Métodos e Técnicas de Ensino/Estatística/Geografia Urbana/ Geografia Agrária/Geografia da População/ Análise Regional e Desenvolvimento Econômico e Estudos de Problemas Brasileiros (EPB). Uma exceção merece ser destacada. Na disciplina Análise Regional e Desenvolvimento Econômico o professor que a ministrava colocava reflexões para uma geografia crítica de forma bem sutil. A percepção só ocorreu muito tempo depois.

No período que antecedeu o início do II PREPES, tive o privilégio de participar do II Encontro Nacional de Geógrafos (julho de 1976/ UFMG). Uma oportunidade indescritível. A Geografia brasileira encontrava-se no auge das discussões sobre a Quantificação e Teoria Geral dos Sistemas, os Modelos em Geografia. Ao assistir as mesas-redondas, conferências e apresentação de trabalhos era tudo novo para mim! Uma linguagem desconhecida, pois ainda não tinha estudado! A partir da conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Geografia Humana senti-me mais “segura”, pois já havia subido o 1º degrau na carreira acadêmica. A Universidade Federal de Uberlândia em 1978 já era uma realidade. Era o começo de muita mudança para nós docentes.

Também gostaria de ressaltar o ano de 1978 na minha trajetória: participação no III Encontro Nacional de Geógrafos, em Fortaleza, organizado pela UFC e AGB Nacional. Um encontro que marcou a ruptura epistemológica no pensamento geográfico, a volta do prof. Milton Santos ao Brasil, o término de um tempo em que a AGB Nacional esteve sob a direção do IBGE. Nesse encontro ainda tive a oportunidade de participar de uma excelente excursão (era comum nos Encontros) coordenada pelo professor José Borzachiello da Silva no “Baixo Jaguaribe”. Além do grupo de 22 participantes, estavam presentes professor Orlando Valverde que nos brindava com suas explicações sobre a região e professor Caio Prado Junior. Um momento inesquecível.

Flamarion: *Como começou o interesse pela Geografia Agrária?*

Vera Salazar: O interesse pela Geografia Agrária começou quando, no 1º módulo do II PREPES/PUC/Minas (julho/1976), cursei a disciplina Geografia Agrária com a professora Dra. Lígia Celória Poltronieri (UNESP/Rio Claro). Ao terminar a disciplina ela nos incentivou a fazer o mestrado e disse que o PPGEU/UNESP/Rio Claro estaria aberto para nos receber. Fiquei refletindo sobre esta possibilidade. As discussões em aula eram na abordagem Quantitativa e sistêmica. Estudar o campo tornou muito interessante. Segui realizando os dois módulos (dezembro/1976/julho 1977). Quando retornei, nas disciplinas ministradas no curso de Geografia da UFU procurava colocar em prática os conhecimentos recebidos no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu. Ainda não havia a disciplina Geografia Agrária. O ano de 1978 seria de muita expectativa. Eu seria a segunda professora a sair para fazer o mestrado, pois um dos meus colegas já retornava do cumprimento dos créditos no PPGEU/UNESP/RC em Biogeografia. Eu já estava direcionada para fazer em Geografia Agrária, o que foi reforçado pela professora. Dra. Suely Del Grossi, grande mestra na graduação e naquele momento passava a ser minha colega no Departamento de Geografia (hoje Instituto de Geografia) que já conhecia grande parte corpo docente do PPGEU/UNESP/ Rio Claro pelos laços de amizade adquiridos quando fez a graduação em Geografia na cidade de Taquaritinga (SP) (FAFI). Alguns dos professores eram oriundos da UNESP/RC. Ela então disse para eu fazer em Geografia Agrária com o professor Dr. Miguel Cesar Sanchez. A escolha não

poderia ter sido melhor. Foi meu orientador no mestrado e doutorado. Grande mestre por quem tenho profunda admiração. Sua condução, com maestria, nas orientações fizeram a diferença para eu crescer intelectualmente. Fiz o processo seletivo em novembro de 1978 e fui aprovada no mestrado. O programa de Pós-Graduação em Geografia foi criado em 1976. Seria a segunda professora do Departamento de Geografia com título de mestre. O primeiro foi professor Ireneu Antonio Siegler. Em março de 1979 me mudei para Rio Claro e outro “mundo novo” começava em minha carreira docente. A geografia em Rio Claro passava por mudanças epistemológicas: a Abordagem Crítica já estava sendo discutida, sobretudo nas disciplinas: Organização do Espaço, A agricultura no Processo de Desenvolvimento Capitalista do Brasil, História Econômica do Brasil. As leituras dessas disciplinas foram importantes para a realização de meu projeto de pesquisa. Ao lado destas disciplinas cursei: Quantificação em Geografia, Análise de Sistemas Ecológicos Naturais, Técnicas Cartográficas em Geografia, Fotointerpretação em Geografia, Geografia do Sistema Agricultura, Percepção Espacial e Geografia do Comportamento além de Metodologia Científica e Geografia e Estudos de Problemas Brasileiros. Cursei 10 disciplinas de conteúdo relacionados à Geografia ao longo do curso, tive excelentes professores e muita leitura para continuar aprendendo as transformações epistemológicas da ciência geográfica. A dissertação: *Características da modernização da agricultura e desenvolvimento rural em Uberlândia (MG)*, defendida em 1982, foi o resultado das referências lidas envolvendo a modernização da agricultura (tema que desencadeou discussões destacando pontos positivos e negativos da Revolução Verde) e desenvolvimento rural cujo artigo: *Rural Development: a people-oriented strategy* de Phil Karp, publicado na Revista *Antipode: a radical journal of geography*, em 1976, foi importante para explicar porque o desenvolvimento rural não ocorreu no município de Uberlândia. Este texto e as demais referências foram o referencial teórico da dissertação.

O interesse pela Geografia Agrária foi crescendo quando foi criada a disciplina no Curso de Geografia/ Licenciatura no Departamento de Geografia (hoje Instituto de Geografia), a qual fiquei responsável. A capacitação dos docentes continuava importante. Assim, em novembro de 1983 retorno para Rio Claro (SP) para fazer a seleção para o doutorado. Com o pensamento mais amadurecido pelo conhecimento adquirido, estudo, discussões, ingressei no

curso em março de 1984 e cursei mais quatro disciplinas no PPGeo para integralizar os créditos, pois havia retornado no período inferior a 2 anos e poderia solicitar a integralização. As disciplinas cursadas foram: Dinâmica Demográfica e Análise Espacial de População, Geografia dos Sistemas Industriais, Sensoriamento Remoto na Planificação dos Recursos Naturais e Epistemologia e História da Geografia. Estas disciplinas foram importantes para meu conhecimento e a de Epistemologia e História da Geografia contribuiu para as reflexões sobre as transformações no pensamento geográfico.

A tese: *Ação do Estado e as transformações agrárias no Cerrado das Zonas de Paracatu e Alto Paranaíba-MG* (também a primeira do Departamento, concluída em dezembro de 1988 e defendida em maio de 1989), foi uma contribuição significativa para mim. O estudo foi sobre o Acordo Brasil-Japão no Cerrado: PRODECER (Programa Nipo-Brasileiro de Desenvolvimento Agrícola da Região dos Cerrados) que desencadeou discussões acirradas pela forma como foi implantado. Gostaria de destacar que a mudança de tema para estudar o PRODECER, há três meses (agosto de 1984) para a entrega do projeto de pesquisa na coordenação do PPGeo, foi por sugestão da prof^a Dr^a Marilena de Oliveira (colega no Instituto de Geografia) que visualizava uma contribuição inédita a nível acadêmico que a tese poderia desencadear. Aceitei a sugestão. Um desafio gratificante para mim.

Flamarion: *Quais foram suas principais influências profissionais e teóricas?*

Vera Salazar: Vou dividir em dois momentos: A influência profissional: recebida de minha primeira diretora, professora Stella Maria de Paiva Carrijo, quando trabalhei na escola pública (1971 a 1975) com os alunos do Curso Primário ao qual já me referi. Ela foi o exemplo de conhecimento, humildade, amizade, sabedoria para falar quando era preciso mostrar nossas falhas, nosso desempenho e nos ensinou ainda a falar com os pais, com as crianças sem ofender ninguém. Foi uma professora fascinante, parafraseando Augusto Cury no seu livro: Pais brilhantes, professores fascinantes. Até hoje tenho este legado comigo. Quanto à influência teórica, essa começou, de forma muito principiante, no Curso de Pós- Graduação Lato Sensu em Geografia Humana com as leituras indicadas pelos professores de Geografia e seguindo no mestrado, pois as leituras e

discussões também nos remetia aos teóricos que discutiam sobre as correntes teórico-metodológicas para compreender as transformações no pensamento geográfico e a questão agrária. E contribuíram muito para elaborar a dissertação de mestrado e a tese de doutorado. Dentre os autores destacaria: Paul Vidal de la Blache, Antonio Christofolletti, Ian Burton, Ludwig Von Bertalanphy, Manuel Correia de Andrade, Orlando Valverde, Pierre Monbeig, José Alexandre Felizola Diniz, Milton Santos, Alberto Passos Guimarães, José Graziano da Silva, Karl Kautsky, Caio Prado Júnior.

Flamarion: *A senhora passou por várias “escolas ou correntes” da geografia. Comente sobre esses diferentes momentos e como a geografia foi se adaptando a esses movimentos?*

Vera Salazar: Três momentos, posso afirmar, caracterizam minha trajetória: o Curso de Graduação/Licenciatura em Geografia (FAFIU/1971-1974) onde o Positivismo foi o fundamento teórico da Geografia Tradicional; o movimento de Renovação da Geografia: A geografia pragmática desdobrada na proposta de Geografia Quantitativa e a proposta da Teoria Geral dos Sistemas que nortearam o curso de Pós -Graduação Lato Sensu em Geografia Humana (PUC/Minas realizado em três módulos: julho e dezembro/1976 e julho/1977) e Geografia Crítica, outra vertente do movimento de renovação , quando realizei o Curso de Pós- Graduação Stricto Sensu Mestrado (1979-1981) e Doutorado (1984-1988). Foram três momentos de muita reflexão para entender as mudanças teórico-metodológicas pelas quais passava o pensamento geográfico e procurar estabelecer a relação com o momento político vivido pelo país (Período Militar: 1964 até a abertura em 1978) e necessidade de buscar referencial teórico para entender as transformações. Este terceiro momento foi fundamental para fazer a dissertação de mestrado e a tese de doutorado, pois na graduação e pós-graduação lato sensu não fiz Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Naquele momento não havia a exigência de realização. A Geografia teve que se adaptar ao movimento de renovação, necessário para contribuir com os estudos: no período militar: mostrar um país “sem problemas” sociais e econômicos (ambiental ainda não era muito discutido). Quando ocorre a “abertura política” foi possível mostrar as contradições engendradas pela expansão do capital, mostrar a “essência” da

realidade e não apenas a “aparência”. Foi necessário ir “mais a fundo” na busca de respostas para os problemas detectados (educação, economia, saúde, questão agrária, questão urbana, ou seja, a “essência” da realidade política, econômica, social, educacional teria que ser desvelada. Rompia-se, assim, com o paradigma da Geografia Pragmática para dar lugar à Geografia Crítica/Radical/Marxista. Podemos dizer que a reflexão vem sendo feita com seriedade e ética pelos colegas geógrafos que se posicionaram criticamente. Considerando que o conhecimento geográfico está em constante construção por meio das pesquisas e discussões realizadas, o momento é pluriativo e permite continuar refletindo sobre a diversidade teórico-metodológica exigida quando nos propomos a desenvolver um tema.

Flamarion: *Como a senhora estudou muito sobre o espaço agrário no Cerrado Brasileiro, quais foram as principais transformações nas últimas décadas e qual o papel da Geografia nesse contexto?*

Vera Salazar: A modernização da agricultura, arquitetada pelo Estado, com o objetivo de dinamizar a produção agrícola do país, mesmo existindo posições contrárias ao modelo da Revolução Verde, desencadeado nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra, teve início no sul do país, nos anos 1950 e rapidamente atingiu outras regiões como o Cerrado, palco desse processo a partir da década de 1970 com os Projetos governamentais. Dentre eles O Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO). Para compreender as transformações que este bioma passava: mecanização da agricultura e inserção da soja na área tradicional da pecuária extensiva, uso intensivo de corretivos no solo e adubação química para aumentar a produção e produtividade foi importante o papel do Estado na concessão dos recursos financeiros. Foi uma época de volumosos recursos de capital e o Crédito Rural foi uma política pública imprescindível. Estas mudanças levaram à valorização das terras antes consideradas improdutivas. O Cerrado tornava-se o “lócus” da solução da agricultura brasileira. Os reflexos das transformações ocorridas no Cerrado, a partir da década de 1980, portanto há cerca de quatro décadas, podem ser avaliadas não apenas no crescimento da agricultura moderna (o agronegócio), a expansão da indústria de máquinas modernas para atender esta agricultura (as

feiras de agronegócio são um exemplo), mas também o crescimento desordenado das cidades, a luta da agricultura familiar para se manter nesse contexto, a discussões empreendidas pela questão ambiental, de forma mais ampla e a questão do agrohidronegócio, são alguns dos pontos de reflexão para entender as mudanças. E para mim, a contribuição da Geografia tem sido significativa porque por meio do arcabouço teórico-metodológico expresso nos temas pesquisados, o resultado são referências em forma de livros, como um todo, de capítulos, de artigos, de relatórios apresentados à comunidade científica, TCCs, dissertações, teses é possível desvendar a realidade sob um olhar crítico quer de forma positiva, quer de forma negativa e apontar possíveis soluções.

Flamarion: *A senhora participou de todos Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA), correto? Poderia contar como surge e quais eram os objetivos, quais a contribuições desse evento e qual a importância desse campo na pesquisa geográfica?*

Vera Salazar: Do total de 24 encontros realizados até 2018, participei de 21 ENGAs. No primeiro, em dezembro de 1978, realizado em Salgado (SE/UFS) não participei porque havia terminado de fazer a seleção para o mestrado. Os demais: XVI ENGA (Petrolina-PE/UFPE) em dezembro de 2002 e XXII (Natal/RN/UFRN) em novembro de 2014 também não participei por questões de saúde na família. No último (XXIV) realizado em novembro de 2018, na UFGD, ano em que o ENGA completou 40 anos de criação, junto com os 40 anos do III Encontro Nacional de Geógrafos (Fortaleza/CE) fiz uma palestra a convite da profa. Dra. Márcia Yukari Mizusaki, uma das organizadoras, sobre a trajetória do ENGA que, posteriormente, transformou no capítulo: *A contribuição dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária para a Geografia brasileira: uma história de 40 anos (1978-2018)*, publicado no livro: **Questão Agrária e práxis social no século XXI: impasses, desafios e perspectivas** (Márcia Yukari Mizusaki, Cláudia Marques Roma, Alexandre Berfgamim Vieira /org,) (Edito CRV, Curitiba, 2021, disponível em [e-book](#)). Na palestra mostrei como o ENGA surgiu e os objetivos e vou transcrever do capítulo: (Estas informações estão em documentos pessoais dos “ENGA,s” guardados ao longo dos anos):

Enquanto as atividades do III ENG se desenvolviam, um grupo de professores preocupado com a invisibilidade da Geografia Agrária reuniu-se para pensar sobre o que fazer. Assim, no contexto do III ENG, o prof. José Alexandre Felizola Diniz (UFS) explica, no texto “Uma ideia que deu certo”, como e por que o ENGA surgiu, em comemoração aos seus 10 anos de realização (DINIZ, 1988, p. 19,):

Corria o mês de julho de 1978, e a cidade de Fortaleza sediava o 3º Encontro de Geógrafos da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Em plena efervescência da reunião onde despontavam mudanças profundas nas concepções geográficas mais aceitas no Brasil, sobretudo com uma crítica severa aos métodos quantitativos e uma preocupação acentuada com as questões sociais, os estudos urbanos encontravam-se em pleno desenvolvimento. Em oposição, a Geografia Agrária mostrava-se enfraquecida, pouco produtiva, diante de outras áreas de nossa ciência não merecendo mais do que uma simples sessão vespertina para apresentação de algumas contribuições. E, para aqueles que faziam essa geografia, a sensação era de frustração e desânimo.

Continuando seu relato, o prof. José Alexandre explica como a ideia surgiu:

Sentados diante do “bandejão” para almoço, nesse dia reservado para a mencionada sessão, meditávamos eu, Rivaldo Gusmão, Solange Silva e Olindina Mesquita (colegas do IBGE) sobre nossa fragilidade, quando despontou, como resposta à célebre pergunta: “O que fazer?”, a ideia do ENGA. E ali mesmo fomos montando a estrutura preliminar do Primeiro Encontro, dividindo tarefas e selecionando temas. Logo, me dispus a organizar o evento, em dezembro do mesmo ano, que, em nossa ideia, precipitadamente concebida, deveria ser o primeiro de uma grande sequência.

Do almoço fomos ao encontro de colegas que já estavam, sem saber, “encarregados” das tarefas urgentes. Como o primeiro ENGA deveria ser de caráter norteador e metodológico, Lúcia Gerardi, Antonio Ceron e Miguel Sanchez [UNESP/Rio Claro] deveriam preparar o texto sobre “Metodologia da pesquisa em Geografia Agrária”, enquanto Mário Lacerda de Melo [UFPE]

desenvolveria o tema da formação do geógrafo agrário no Brasil. Com outros colegas de Sergipe e de outros estados presentes em Fortaleza, logo se formou um grupo que definiu as regras básicas para futuros Encontros. (DINIZ, 1988, p. 19).

Também esteve presente no “almoço” a prof.^a Rosa Ester Rossini (USP). Na sessão vespertina da Sessão Dirigida sobre os Estudos Rurais, ela apresentou o trabalho sobre a mão de obra volante na agricultura. Essa Sessão foi o motivo da reunião informal proposta pelo prof. Diniz para criar o ENGA.

Assim, aquele “grupo de geógrafos, tradicionalmente ligado às pesquisas agrárias, inicia o processo de organização de encontros temáticos e cria um fórum específico para os debates e exposições de trabalhos relacionados às questões rurais” (FERREIRA, 2002, p. 131). “Uma nova fase da Geografia Agrária brasileira, sem dúvida, se inicia a partir de Fortaleza, 1978” (FERREIRA, Darlene Ap. de O. **Mundo rural e geografia: geografia agrária no Brasil: 1930-1990**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002, p. 232). “Esse foi o objetivo de criação do ENGA”.

Dessa forma, de maneira informal, o ENGA foi criado e passava a integrar um espaço importante para as discussões sobre a Geografia Agrária brasileira. O primeiro Encontro foi realizado no Hotel Balneário de Salgado (SE), de 4 a 7 de dezembro de 1978, pelo Núcleo de Aracaju, AGB, Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe e governo do Estado (DINIZ, 1988). A partir das sugestões de Diniz (1988, p. 19), três documentos nortearam as discussões e estão publicados no **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 9, n. 17/18, 1979.

Os Encontros têm contribuído para o crescimento da Geografia Agrária brasileira. São espaços para trocar ideias e elaborar trabalhos traduzidos sob formas diferenciadas de publicação. O avanço nas discussões sobre o agrário alcançou um grau significativo. Podemos elencar as contribuições dos ENGA para a Geografia Agrária brasileira, expressas na formação dos grupos de pesquisa, na publicação de livros por esses grupos, na elaboração de projetos de pesquisa, na publicação da Revista Campo-Território. A importância do ENGA se dá por ser um fórum de discussões de abordagens teórico-metodológicas sobre o agrário brasileiro nas diversas tendências, possibilitando trocas de ideias e

conhecimento. As perspectivas são de que o evento possa se realizar a cada 2 anos, sob a coordenação de uma Universidade para dar continuidade às discussões sobre o agrário brasileiro, possibilitar a apresentação de conferências, mesas-redondas, espaços de debate, apresentação de trabalhos, contribuindo, assim, para novas referências em Geografia Agrária. Na plenária final do XXIV ENGA, os colegas da Universidade Estadual do Pará (UEPA) candidataram-se para realizar o XXV ENGA, o primeiro no Norte do país, e receberam apoio de todos presentes. O referido evento será de 8 a 11 de dezembro de 2022.

Flamarion: *Nos últimos anos, a senhora tem se dedicado ao estudo da questão metodológica na Geografia, mais precisamente a pesquisa qualitativa. Como foi essa redescoberta? E qual a importância desse campo na pesquisa geográfica?*

Vera Salazar: Para falar sobre o trabalho com a questão metodológica na Geografia, de forma mais específica, com a pesquisa qualitativa, é preciso também “voltar no tempo” e falar sobre uma disciplina comum nos cursos: Fundamentos de Metodologia Científica (Ou Metodologia do Trabalho Científico) com diretrizes para elaboração dos trabalhos acadêmicos. Durante o curso de graduação/licenciatura não tive esta disciplina. No Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Geografia, conforme destacado no elenco de disciplinas cursadas, tive a disciplina Introdução à Pesquisa Geográfica onde recebi as informações de como fazer o projeto de pesquisa e como usar as normas da ABNT nos trabalhos científicos. Foi aí que percebi a importância destes conhecimentos para realizar os trabalhos científicos. A partir desse momento, comecei a mostrar para os alunos do Curso de Graduação em Geografia (UFU) a necessidade de usar as normas para que os trabalhos pudessem ser feitos de forma científica. Gostei de trabalhar, pois a disciplina remetia a organização! No segundo semestre de 1978, uma colega ministrou um mini-curso de 30 horas: Métodos e Técnicas de Pesquisa (MTP). Este mini-curso foi importante, pois em breve eu iria fazer a seleção de mestrado no PPGEO/UNESP/RC. Durante a realização do Mestrado os conhecimentos sobre as normas para elaboração dos trabalhos foram aplicados. A exigência era grande para evitar o plágio. Fiz minha dissertação e tese usando a técnica da entrevista porque era a técnica mais usada, junto com o questionário. Não me dei conta naquele momento que estava trabalhando a

abordagem qualitativa da pesquisa. Na Geografia essa discussão não era feita. O trabalho de campo é retomado como uma das características da Geografia Crítica. Quando retornei do mestrado e doutorado, já com um melhor conhecimento sobre como usar os Métodos e Técnicas de Pesquisa, me identificava cada vez mais com esta disciplina. Em 1994 criamos o PET (Programa Especial de Treinamento) no curso de graduação de Geografia/Licenciatura e ainda não tínhamos o Curso de Mestrado. Fui a primeira tutora e significou uma ótima experiência para mim. Cinco alunos foram selecionados e quando começamos a cumprir o programa que elaborei para desenvolver as atividades, resolvi incluir um mini-curso de Métodos e Técnicas de Pesquisa (MPT), usando o material que guardei do Curso de Especialização e do Mini-Curso preparatório para a seleção do mestrado. Havia percebido as dificuldades. Jamais poderia imaginar a repercussão de um mini-curso. Os petianos de geografia foram passando a informação sobre o mini-curso e logo passei a ministrar para alunos de outros cursos que se interessavam. Fiquei realizada com a repercussão. Todos queriam saber como usar as normas. O mini-curso saiu do “espaço da UFU” e passei a ministrar em forma de disciplina em cursos de Pós-Graduação Lato Sensu na Faculdade Católica de Uberlândia, na UEG/Campus Formosa e como disciplina em PPGEOS de outras Universidades. Para ajudar os alunos fiz uma “Apostila” que chegou no INEP na década de 1990. O objetivo em ministrar o mini-curso e a disciplina de forma a “desmistificar” que era uma disciplina “chata, ruim” : era assim que os alunos falavam para mim. E alguns ainda diziam: “professora, já fiz esta disciplina duas, três vezes e não sei nada”! Ao término, passava um roteiro para que eles avaliassem o mini-curso ou a disciplina e minha alegria era grande, pois só havia pontos positivos. O ponto negativo que aparecia era: “o tempo foi pouco”. Tenho ainda guardadas várias avaliações para serem analisados e compor um material que tenho intenção em escrever sobre esta experiência vivida. Confesso que gosto muito de trabalhar com as normas da ABNT.

E como cheguei na Pesquisa Qualitativa? Por incentivo da Prof^a Dr^a Beatriz Ribeiro Soares (PPGEO/UFU) que, já sabendo do meu interesse pelas normas técnicas, ao participar de uma banca de defesa de mestrado me disse que o aluno havia descrito com detalhes o “caminho percorrido”. Fiquei interessada em usar a experiência com meus orientandos. O resultado foi positivo. Nas seções

das dissertações e teses dos orientandos interessados em fazer o “caminho metodológico”, estas se transformaram em capítulos.

Vou citar trechos da Apresentação de um dos três livros elaborados em conjunto com colegas. Na Apresentação do primeiro livro: **Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação** (ASSIS Editora, Uberlândia, 2009), organizado por mim e professor Julio Cesar de Lima Ramires dissemos: este livro surgiu a partir de nossas inquietações a respeito da aplicação da pesquisa qualitativa em Geografia[...] Em nossa vivência acadêmica como orientadores na graduação e pós-graduação, sempre sentimos a fragilidade de nossos alunos no domínio das metodologias qualitativas[...] No segundo semestre de 2008, realizamos um curso de extensão, no âmbito do PPPGEO/UFU, no intuito de fornecer subsídios dessas metodologias para que elas pudessem ser incorporadas pelos alunos com maior precisão nas suas teses e dissertações em desenvolvimento do referido programa. O resultado foi o referido livro, organizado com 19 capítulos de orientandos do PPGeo e 3 capítulos de colegas, sendo 2 da UFPB e um da UERJ. Para nós, uma oportunidade de dar visibilidade à Pesquisa Qualitativa nos trabalhos de Geografia. Os demais livros são: **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas** (2013), organizado por: Gláucio José Marafon; Julio Cesar de Lima Ramires; Miguel Angelo Ribeiro; Vera Lúcia Salazar Pessôa; **Pesquisa qualitativa: aplicações em Geografia** (2017), organizado por Vera Lúcia Salazar Pessôa; Aldomar Arnaldo Ruckert ; Julio Cesar de Lima Ramires.

Flamarion: *Como a senhora observa o campo metodológico na geografia agrária?*

Vera Salazar: O movimento de renovação do pensamento geográfico, a meu ver, desde o final da década de 1970, quando possibilitou o geógrafo ter mais uma opção teórico-metodológica para os estudos sobre o espaço geográfico, ou seja, a Geografia Crítica. Isto fez revelar seu posicionamento social diante das contradições presentes nesse espaço. O saber, para os autores e pesquisadores, tornava-se um instrumento importante para se posicionarem por uma transformação da realidade social. Os avanços teóricos-metodológicos levam a

uma Geografia Plural, possibilitando diferentes enfoques. Com relação ao campo teórico-metodológico na Geografia Agrária não poderia ser diferente. Há também uma Geografia Rural Plural (ALVES, Flamarion D.; FERREIRA, Enéas Rente). Assim, sob diferentes enfoques metodológicos é possível trabalhar os temas em Geografia Agrária de forma a contribuir para novos estudos e contribuir com novas referências.

Flamarion: *Com a constante redução da população rural no Brasil, quais perspectivas para os estudos em Geografia agrária?*

Vera Salazar: De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015 a maior parte da população brasileira, 84,72%, vive em áreas urbanas e 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais. Este é o retrato do “Brasil Rural”. São poucos os municípios que ainda têm a população rural em maior número vivendo no campo. Considerando que estes 15,28% de população rural ainda produzem alimentos para abastecer as cidades, praticam uma agricultura multifuncional, são pluriativos nas atividades desempenhadas e ao lado desses agricultores temos aqueles que praticam a agricultura urbana e periurbana – são os sujeitos da “terra de trabalho” (expressão usada por MARTINS, José de Souza. Terra de negócio e terra de trabalho: contribuição para o estudo da questão agrária no Brasil. In: MARTINS, José de Souza.

Expropriação e violência: a questão política no campo.2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1982. p.45-66). Diante desse quadro as perspectivas para os estudos em Geografia Agrária são ainda importantes, pois um novo olhar, uma nova discussão teórico-metodológica se faz necessária para mostrar a (re) existência, a luta dos agricultores familiares (quer aqueles tradicionais, aqueles oriundos dos assentamentos, os “neorurais” que têm se dedicado a cultivos, criações que atendem nichos de mercado em parcelas pequenas) para serem “visíveis” no contexto. O olhar do pesquisador deve estar atento a estas transformações.

Flamarion: *Qual a importância da AGB e ENGA na sua trajetória?*

Vera Salazar: Gostaria de registrar a importância que a AGB e ENGA tiveram nesta “caminhada científica”. Os Encontros Nacionais de Geógrafos foram

importantes para entender as transformações do pensamento geográfico brasileiro, sobretudo o II (1976/UFMG/ Belo Horizonte (MG), III (1978/UFC/Fortaleza/CE), IV (1980/PUC/Rio de Janeiro), V/1982/UFRGS/Porto Alegre).

Em 1984, em Uberlândia, foi criada a AGB-Seção Local, por sugestão de professor Melhem Adas que, ao vir fazer palestras no início da criação do Curso de Graduação Geografia/Licenciatura, sempre nos incentivou a ter uma Seção Local, pois através dela poderíamos fazer discussões sobre a Geografia. Uma experiência excelente, pois, além de nossa participação ativa nas atividades locais, ajudamos a organizar o VI Encontro de Geógrafos realizado em Campo Grande/UFMS (MS), o I Encontro Nacional “Fala Professor” em conjunto com a AGB -Seção Brasília e AGB-Nacional (1987). Em Uberlândia realizamos o I Encontro Estadual dos Profissionais de Geografia (1989). A gestão coletiva de 1985, realizada em Uberlândia pela Seção local teve seu destaque por ter sido de preparação para a realização do VI ENG. O presidente da AGB-Nacional era prof. Orlando Valverde e esteve presente nesta gestão. As gestões coletivas eram uma prática na AGB-Nacional e a Seção de Uberlândia sempre esteve presente. Professora Beatriz Ribeiro Soares foi a primeira diretora eleita. Um tempo muito rico de discussões, organização de palestras com temas diversos. Dentre os temas de caráter nacional, a discussão da reforma agrária e sobre a Amazônia. Quanto à minha participação no ENGA, já mostrei de forma mais detalhada anteriormente.

Esses dois Encontros muito contribuíram para minha formação teórico - metodológica não só na Geografia como um todo, mas de forma específica na Geografia Agrária.

Flamarion: Para finalizar, *o que a senhora vem desenvolvendo e quais seus planos futuros?*

Vera Salazar: Para finalizar o relato de minha trajetória na Geografia e na Geografia Agrária, minhas atividades, desde que me aposentei em 1996, de forma voluntária, continuam sendo: palestras, aulas sobre Metodologia de Pesquisa e temas de Geografia Rural (graduação e pós-graduação), pareceres em artigos científicos, participação em bancas de defesas de dissertação e doutorado,

concursos, avaliações de cursos de geografia, projetos de pesquisas, organização de livros de Metodologia de Pesquisa Qualitativa em conjunto com colegas. De 1997 a 2012 orientei no: PPGEU/UFU; no PPGEU/UFG/Campus Catalão (Atual UFCAT) e no PPGEU/UnB. Desde 2019 sou professora colaboradora do PPGEU/UEG /Campus Coralina.

Quanto aos planos futuros, pretendo continuar com as atividades citadas acima, enquanto for possível, pois acredito na Educação. Estar envolvida com ela é uma forma de ter esperança por um Brasil melhor.

Vera Salazar: Gostaria de agradecer ao prof. Dr. Flamarion Dutra Alves pela oportunidade de relatar minha trajetória na geografia agrária e parte da metodologia da pesquisa. Obrigada!